

A LITERATURA INFANTIL AO ALCANCE DA MÃO

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. Goiânia: Cânone, 2008, 272 p.

MARIA DE FÁTIMA CRUVINEL*

O grande romance russo *Crime e castigo* é tomado pelo poeta e crítico Nelson Ascher (*Folha de S. Paulo*, 09 jun. 2008) como ponto de partida em artigo que critica duramente a proposta de inserção das disciplinas filosofia e sociologia no ensino médio das escolas brasileiras. Ascher inicia seu texto reportando-se a uma situação em que tenta se lembrar do nome de um personagem de Dostoiévski, para considerar que ainda é capaz de rememorar, mesmo que com certa dificuldade, a palavra que nomeia um personagem secundário de um romance que lera ainda quando cursava o colegial. Sua conclusão é a de que é capaz de se lembrar desse personagem porque essa experiência de leitura foi vivida distante da escola. O autor faz alusão ao fato de o romancista russo tê-lo marcado profundamente, tanto que guarda recordações vivas também de outros livros seus, bem como dos contextos de suas leituras, afirmando ser isso possível em razão de a literatura estrangeira não lhe ter sido imposta como matéria escolar. Sua justificativa pauta-se na compreensão de que nós preservamos em nossa memória aquilo que nos atrai, emociona, interessa.

Os olhos de cigana oblíqua e dissimulada de Capitu me chegaram pelas mãos de um professor e como tarefa escolar. Ainda que, como Bentinho, eu também não soubesse muito bem o sentido de *oblíqua*, não tenho dúvidas de que minha iniciação na literatura do Bruxo do Cosme Velho tenha se dado naquele ano, quando cursava, como o articulista ci-

* Professora de Língua Portuguesa do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG, doutora em Estudos Literários pela UNESP. E-mail: fatimacruvinel@uol.com.br.

tado, o então Colegial. Tampouco entendi logo de início o adjetivo com que o próprio narrador caracteriza os olhos da garota a quem percebia amar. À época, a imagem do mar me havia chegado apenas por intermédio de fotografias de revistas ou cenas de filmes, portanto, estava eu bastante distante dele, e por essa razão não poderia saber ao certo o que significava *ressaca*, mas isso não me poupou, também como não poupou Bentinho, de ser tragada; ele pelos olhos da menina, eu pela trama do casmurro narrador.

Práticas de leitura com efeitos de provocação ao gosto pelo texto literário realizadas no ambiente escolar, ou motivadas por ele, assim como não foram raras para mim como aluna-leitora, também não o foram no meu percurso como professora de educação básica. Certamente tive experiências fracassadas com vários alunos e alguns títulos, contudo, com outros tantos, posso dizer que alcancei o que qualquer professor amante da literatura almeja, o arrebatamento do aluno. Assim, não duvido de que a associação leitura literária e escola possa ser possível. Todavia, é preciso observar que na educação básica não se trata de *ensino* de literatura, isto é, apesar de se configurar como parte integrante da disciplina língua portuguesa, o gênero literário não se subverte ao discurso pedagógico, portanto, não pode ser tomado como conteúdo programático a ser ensinado. A atividade de leitura deve se colocar como uma provocação, para que o leitor, diante do texto, ou seja, dos conflitos, das personagens, de suas experiências, de seu universo, de tudo o que lhes revela sua humanidade, possa se colocar frente a si mesmo, na medida em que se depara com a vida do outro, ou se sente tocado pela subjetividade alheia, considerando também a experiência de leitura do gênero lírico, por exemplo.

Mas esta resenha pretende focalizar especialmente a experiência estética resultante do encontro do leitor com a ficção, pois é dessa possibilidade de realização que trata o livro *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*, recente publicação de Vera Maria Tietzmann Silva. Professora e pesquisadora dedicada à literatura infantil e juvenil, a autora reúne nesse livro um pouco do que investigou e ensinou nos últimos vinte anos de sua experiência como docente do curso de Letras da Universidade Federal de Goiás e como pesquisadora e crítica do gênero literário destinado às crianças e jovens leitores. Anterior ao perfil de autora delineado pela docência e pesquisa, o que se encontra nesse livro é, sobretudo, a leitora Vera, pertinaz e delicada, ora a cravar nos textos os aguçados

e experientes olhos de crítica literária, ora a esgueirar-se pelos meandros da narrativa, construindo sentidos insondáveis.

Oportunamente lançado no 1º Salão do Livro Infantil e Juvenil de Goiás, evento de divulgação do mercado livreiro, mas, sobretudo, de promoção de leitura, o livro, de acordo com o título, anuncia-se como um guia destinado àqueles que se propõem a mediar o encontro entre o leitor e o texto, portanto, professores e outros profissionais que tenham envolvimento com a prática leitora. Mas é preciso realçar que a abordagem não se restringe ao formato do manual ou compêndio para fins exclusivamente didáticos; trata-se, antes, de uma rica exposição crítica de obras e autores de ficção, representantes inquestionáveis da produção literária brasileira destinada ao público infantil e juvenil. Grande parte do que compõe o livro são ensaios apresentados em eventos que contemplam a leitura e a literatura infantil. Generosa, a autora propõe-se a compartilhar, com interessados na promoção da leitura e formação de leitores, experiências acumuladas em sua prática como leitora e formadora de profissionais de Letras, entre eles futuros professores da educação básica.

Com esse propósito, o livro traz considerações bastante pertinentes e importantes sobre aspectos relacionados à literatura infantil e ao universo da formação do leitor, estudos críticos da obra de autores consagrados da literatura infantil brasileira, seguidos de propostas efetivas de orientação para o trabalho com o texto literário. Desse veio didático, tem-se uma série de tópicos para discussão bem como um elenco de possibilidades de abordagem do texto, com sugestões de atividades, além de indicações de outras obras e mídias relacionadas ao tema. Organizado em oito partes, sendo as duas primeiras dedicadas a considerações mais abrangentes e as outras seis destinadas à exposição de seis autores, o livro traz ainda um anexo contendo uma bibliografia comentada sobre leitura e literatura infantil e juvenil.

A autora abre seu livro com uma reflexão sobre a relação entre literatura e escola. Intitulada “Escola, livros e leitores”, essa parte destina-se a abordar aspectos dessa relação, iniciando-se por tratar da figuração da escola na literatura. Machado de Assis, Raul Pompéia e Viriato Correia são alguns dos citados por Silva como autores que tematizaram a escola brasileira do fim do século dezenove e início do vinte, focalizando-a pela visão dos protagonistas Pilar, Sérgio e Cazuza, respectivamente, que narram em forma de memórias suas experiências escolares. Diferentemente dos primeiros, que guardam duras lembranças desse passado, o personagem de

Viriato Correia em certa medida redimirá a educação da época, mostrando o avanço desde a escolinha rural de seus primeiros anos escolares até o colégio da capital. Mas com o Sítio do Picapau Amarelo, observa a autora, a visão desviar-se-á da figura do professor para uma reflexão mais ampla sobre a educação infantil que, para Lobato, se podia fazer muito mais satisfatoriamente se desatrelada da instituição oficial e da rigidez dos currículos escolares. A partir dele e em decorrência da própria democratização da escola e da abertura nas relações criança-adulto, aluno-professor, tem-se uma figuração diferente da escola, por exemplo, por autores como Ziraldo, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, entre outros. Lygia Bojunga, no entanto, é citada como autora que traz à cena incômodas questões de ordem social ou individual, apontando ainda algumas feridas provocadas pela instituição escolar. Essa exposição interessa ao interlocutor do livro, na medida em que ele pode ver retratadas pelo discurso literário experiências subjetivas associadas ao universo em que atua.

Em seguida, o leitor se depara com uma breve exposição sobre concepções de leitura, mas o enfoque recairá sobre a figura do professor como promotor da atividade leitora. Seu propósito é abordar desde a simples decodificação de códigos, passando pela *leitura de mundo* – visão do educador Paulo Freire – até a concepção de leitura crítica, que alia a leitura mecânica à do mundo, competência que pode ser motivada pelo professor na sala de aula, bastando que ele se proponha a partilhar sua experiência, associando o ato de ler a outras atividades. A autora encerra essa primeira parte tecendo considerações sobre a atividade de ler e a formação do leitor como um percurso, uma trajetória, o que demanda atenção dos mediadores da leitura. Discorre sobre certas diferenças entre literatura infantil, juvenil e voltada para o público adulto, ponderando que não se trata de simples definição, daí a necessidade de percepção dos promotores de leitura, além de tratar também da chamada literatura de massa ou *best seller*. Da literatura para adultos, o conto é colocado pela autora como um gênero que, dadas as suas especificidades, pode ser um bom motivador do interesse do jovem aluno em sala de aula. Algumas coleções, contistas e gêneros são citados pela autora como bons exemplos para esse fim, especialmente em turmas do ensino médio, com vistas a dar fôlego ao aluno para leituras de narrativas mais volumosas. Como se trata de uma abordagem da figura do professor como formador de leitor, além de estudos indicados como leitura complementar, esse capítulo traz alguns filmes que abordam o tema.

Antes de entrar propriamente na abordagem dos autores aos quais dedicou grande parte de seus estudos, Silva explora “O mundo das narrativas” – sejam elas míticas, folclóricas ou literárias – e suas relações com o imaginário. Aqui, a autora inicia sua abordagem recorrendo à teoria dos arquétipos de Jung para entender as raízes mais profundas das narrativas; segundo ela, especialmente nas infantis, esses arquétipos constituiriam dois eixos principais, os quais, por sua vez, se configurariam nas oposições: identidade e diferença; limites e superação. Com base nessa percepção, a autora passa a citar personagens de narrativas cujos conflitos são determinados por essas oposições, além de salientar os temas que se repetem e se atualizam na literatura – o fio, o duplo, a morte, o renascimento. E, como o próprio título do capítulo indica, as fadas não morreram, elas estiveram, estão e estarão “ontem, hoje e sempre” povoando nosso imaginário. Mesmo em tempos de forte presença das chamadas novas tecnologias, afirma Vera, as histórias de fadas continuam arrebatando ouvintes e leitores, seja na fórmula tradicional seja na atualizada, e a explicação para isso é buscada na psicanálise. Para encerrar sua exploração do universo narrativo e exemplificar de forma mais detalhada a atualização dos contos de fadas, a autora recorre ao filme *Esqueceram de mim*, sobre o qual faz uma rica análise.

Os capítulos seguintes são dedicados a autores consagrados da literatura infantil brasileira, e não é de se estranhar que Monteiro Lobato encabece a lista. Intitulada “Núcleo de cometa”, a parte a ele dedicada traz uma consistente reflexão sobre o valor desse polêmico escritor para a nossa literatura infantil, tanto que se pode considerá-la antes e após a publicação da história da *Menina do narizinho arrebitado*, posteriormente intitulada de *Reinações de Narizinho*, primeiro volume de uma série que iria alterar significativamente a função da literatura voltada para crianças e jovens leitores. A série Sítio do Picapau Amarelo ilustra o que a autora chama de “revolução lobatiana”, especialmente no que se refere à forma como a criança é representada na ficção. Essa e outras características de sua obra, como a linguagem, a percepção crítica do mundo, a fantasia, o humor, entre outras, são marcas da influência do criador do Sítio sobre os novos escritores que se aventuraram no universo da literatura infantil. São exemplos Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Lygia Bojunga, que podem ser consideradas “filhas de Lobato”, mas tão bem formadas teriam sido nessa escola que foram além do mestre. Por fim, a autora apresenta um

estudo sobre o Sítio do Picapau Amarelo em sua passagem de texto às séries feitas para a televisão.

Compreendida a percepção de que a literatura infantil brasileira contemporânea teria sido fundada pela pena crítica de Lobato, o que temos em seguida é a exposição de mais cinco expoentes da produção literária voltada para o público de crianças e jovens. Todas mulheres. Lygia Bojunga e os temas nevrálgicos de suas narrativas, que não sucumbem aos adjetivos infantil e juvenil; Sylvia Orthof e o universo lúdico compoem a paisagem de uma obra que é um misto de narrativa e poesia, jogo que reitera uma compreensão da vida como eterna brincadeira; Ruth Rocha e sua frutífera veia crítica, mas bem-humorada, na avaliação que propõe do homem e do mundo; Ana Maria Machado, cuja literatura traz como marca a liberdade, perceptível em sua obra ficcional, mas também em suas considerações acerca da leitura; Marina Colasanti, cujo traço se delinea na confluência entre o crítico e o lírico e põe em cena, às vezes retomando elementos da tradição, o frágil e cindido ser contemporâneo.

Compõe ainda o livro, além das sugestões de leitura complementar que acompanham os capítulos, uma bibliografia comentada sobre leitura e literatura infantil e juvenil, o que pode ser aproveitado pelos interessados em se aprofundar mais nos estudos sobre o tema. O volume de indicações comprova que esse gênero é assunto que tem interessado muitos pesquisadores, o que, acrescido do bom nível de publicações de livros voltados para crianças e jovens, certamente tem contribuído para fortalecer o movimento de formação de leitores nesse país.

A publicação desse “guia” reforça a compreensão de que a relação entre literatura e escola não só pode ser possível mas também plausível, se considerarmos que poucas crianças e raros jovens têm acesso ao livro, não somente em razão de novas práticas que se colocam muito mais atraentes e facilitadas, mas também pela condições adversas relacionadas ao poder econômico de grande parte das famílias brasileiras. Considerando ainda a impossibilidade de vivermos sem a ficção, mesmo que a tenhamos mediada por outros suportes, a certeza que temos é que o livro ainda vai perdurar em nossas práticas diárias e que com ele podemos construir muito de nossa subjetividade.